

Juventude: a Receita de uma Temporalidade (Contemporânea)¹

Gabrielle da Costa MOREIRA²

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Na modernidade, o tempo passa a ser agente de mudança, é no futuro que está a vida melhor, o que leva a uma aceleração do presente para se chegar ao futuro. O projeto histórico da modernidade era o de projetar um futuro. Contemporaneamente, esse projeto mudou e vivemos num mundo em que o presente se tornou mais importante do que o futuro. Nesse sentido, a juventude é o tema fundamental do mundo contemporâneo, pois manifesta a ideia de um eterno presente processado através do eternamente jovem. O processamento da temporalidade pós-moderna que dilata o presente e afasta um futuro que leva a velhice e final da vida, está calcado no consumo de bem estar (físico, emocional e material) que atravessa a sociedade e pauta os ideais de felicidade e visibilidade da sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Temporalidade; juventude; modernidade.

Introdução

Vivemos em um presente histórico que se distingue da Alta Modernidade, quando as formas de experimentar o tempo voltavam-se para o futuro e o tomavam como agente de mudança calcado nas transformações tecnológicas. Hoje podemos dizer que experimentamos o tempo de forma diferente, o privilégio dado ao futuro, agora se volta para o presente e o passado. Isso implica na mudança da temporalidade, ou seja, nas formas através das quais inscrevemos nossas atividades no tempo. Dentre todas essas mudanças, vamos abordar diretamente como essa nova temporalidade se inscreve nos corpos, que desejam ser vistos, sublinhando que vivemos num mundo regido por imagem. Nele, a tecnologia digital parece ter papel fundamental na formação dessa subjetividade, sobretudo pela portabilidade cada vez maior de câmeras fotográficas digitais e a convergência de aparelhos que acoplam a câmera como mais um dispositivo atrativo, como no caso da telefonia móvel e dos tablets.

A tarefa de estudar e observar a sociedade contemporânea não é simples, o risco de se cair em teleologias ou determinismos tecnológicos é grande, sobretudo pela importância

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação, PUC-RIO, email: gabicmoreira@gmail.com.

e profusão da tecnologia digital e dos chips, que se tornaram o apanágio da civilização. De fato, o desenvolvimento da internet e da *web 2.0* é um fenômeno contemporâneo interligado a uma nova configuração na produção, circulação e consumo de imagens, músicas, textos e informações na sociedade, que vêm se intensificando na medida em que os computadores ficam cada vez mais potentes e difundidos, pelo menos para uma parcela da população mundial.

Além disso, existe uma tendência à convergência de aparelhos multifuncionais que possibilitam a integração dessas funções, operando tanto como pólo emissor como receptor. Segundo André Lemos (2002, p.20), “trata-se do desejo de um mundo sem fio, onde a conexão pode se dar de forma imediata, fácil e corriqueira. Como na magia: estou aqui e ‘plin’, estou lá. Agir por redes que conectam espaços e tempos diferenciados torna-se a essência mesmo da comunicação contemporânea”. Mais que pesquisar sobre o impacto, efeito e consequências que a tecnologia digital e internet proporcionaram, é importante ter em mente que o desenvolvimento e difusão de tais tecnologias correspondem a necessidades existentes na sociedade. Essa diretriz vai de encontro com a afirmação de Deleuze (1992), que considera “fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las”. Nesse sentido, concordamos com Sá (2008, p. 1426) que a *web 2.0* marca a era do acesso livre, com ferramentas e sistemas digitais que permitem aos usuários sentirem o poder de criação e participação *online*, mas sobretudo por reforçar “o papel do indivíduo enquanto ator social, projetando-o para uma dimensão à escala global, com o seu espaço próprio, implícito no efeito de “longa cauda”, e representado na dispersão da “*folksonomy*”.

A tecnologia digital e a *web* produzem uma nova forma de produzir e consumir imagens. Vivemos na era da abundância das imagens. Essa constatação não vem de hoje. Nos anos 1970, Sontag (2004, p.34-5) escreveu que a fotografia havia se tornado tão popular quanto a dança e o sexo e que a compulsão por fotografias acabava por “transformar a experiência em si num modo de ver. Por fim, ter uma experiência se torna idêntico a tirar dela uma foto, e participar de um evento público tende, cada vez mais, a equivaler a olhar para ele, em forma fotografada”. E, seguindo com Sontag (2004), quanto mais se consome imagens, mais se produz e mais se consome.

Talvez possamos mesmo dizer que “a hipervisibilidade contemporânea encontra suas raízes no desejo propriamente moderno de apropriar-se do mundo através do olhar”

(Lissofsky e Jaguaribe, 2003). Não apenas por representar o mundo, mas por torná-lo visível.

De várias maneiras as imagens nos afetam. Ao ver uma imagem podemos chorar, rir, nos impressionar, horrorizar, comover, apaixonar, odiar, rejeitar. A percepção que temos de uma imagem parte do conhecimento que temos dela ou sobre seu tema e por isso nos permite saber dos homens, pois as imagens nos informam. É justamente a dimensão subjetiva que nos permite ver e conhecer como os indivíduos habitam o mundo, o que e como valorizam, rejeitam, negociam. Enfim, como buscam sentido para a existência, como percebem a realidade. Uma das formas dos indivíduos construir seus relatos de vida é a partir das imagens.

Nessa direção, é importante marcar que a tecnologia digital e a internet sublinham a imagem e sua visualidade como uma ferramenta para comunicar e formar a identidade num presente imediato e amplo, em uma sociedade na qual os indivíduos não buscam coesão a partir de uma unidade englobante, mas a partir da articulação entre várias instituições, demarcando que não é tão simples hoje em dia demarcar fronteiras e elaborar uma identidade (Velho, 1999a).

Na busca em conjugar essa diversidade sócio-cultural podemos dizer que de várias formas somos induzidos a arquivar documentos sobre nós mesmos, num eterno arquivamento do eu, que nos auxiliam na escrita de si (Artière, 1998). Estamos sempre selecionando fragmentos da vida para preservar e arquivar. Alguns fazem parte de uma injunção social: inscritos diversos em diversas instituições sociais (Estado, banco, escola, igreja, médico, fornecedores de serviços) que garantem sua existência e identidade reconhecidas. Outros fragmentos visam a assegurar uma subjetividade como parte da autobiografia, na qual prevalece uma lógica narrativa, que visa dar sentido à própria existência. Fotografias. Vídeos. Cartas. Poemas. Músicas. Artefatos, objetos, *coisas*, que sejam portadoras de passado e que contenham um pouco de nossa história de vida, que muitas vezes parecem estar em suspensão, aguardando o momento em que serão postos em relação com o passado e com os anseios futuros para um eterno *tornar-se*. Nesse jogo de transmissão e perpetuação, uma das regras, ou objetivo, é a manipulação da nossa própria existência: estamos o tempo todo (re)selecionando o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido num determinado *presente*, que também projeta, ou ainda, antecipa o futuro. Aqui fica claro que a relação entre identidade e projeto se desenrola no tempo e em suas múltiplas dimensões.

Construções temporais

Desde Platão e Aristóteles aos dias de hoje existe uma diversidade de dizeres do tempo. O tempo é assunto da física, da matemática, da biologia, da história, da filosofia, das ciências sociais, da psicologia, da astronomia, da música, entre outros. As definições produzidas por esses campos não são unânimes, não permitem ter um conceito descritivo e definitivo sobre o tempo, mas permitem afirmar que “o tempo se dá à fala” (Reis, 1994, p. 12). Na polifonia dos dizeres sobre o tempo, há duas direções de discursos que se opõem, e que internamente se fragmentam em diversas hipóteses. Uma delas é a tendência “objetivista, naturalista, do tempo cosmológico e físico; a outra é a subjetivista, espiritual, do tempo da consciência” (Reis, 1994, p. 15). Porém, existem pontos em comum nesse debate, como por exemplo, as expressões usadas para atribuir relações ou atribuições temporais, tais como antes, depois, durante, presente, passado, futuro, simultaneidade, eternidade, sucessão, repetição, agora, devir, entre outras. Outro ponto onde as perspectivas teóricas se encontram é a problemática. Apesar de chegarem a respostas diferentes, tanto objetivistas quanto subjetivistas partem das mesmas questões: o tempo é objetivo ou subjetivo? É único ou plural? Tem direção ou não? É puro devir ou também é eternidade? É reversível ou irreversível? É contínuo ou descontínuo? (Reis, 1994).

Na realidade, trabalhar apenas com a possibilidade ou de o tempo ser natural e passível de ser medido pela física, ou de o tempo ser tido como o tempo da consciência, por isso mesmo imensurável, ou ainda um se impondo sobre o outro, só leva a aporias. O tempo está no interior da experiência humana. O homem é o centro de perspectiva capaz de elaborar imagens mentais de eventos sucessivos em conjunto, com um poder de síntese que é acionado e estruturado pelas experiências, e como o homem é capaz de aprender com a transmissão entre gerações dessas experiências, ele foi ampliando, aprimorando e mudando seus meios de orientação em relação ao mundo, e de regulação da vida em sociedade.

Nem sempre o homem apreendeu a sequência de acontecimentos da forma como hoje se apresenta o tempo, “em outras palavras, a experiência humana do que chamamos “tempo” modificou-se ao longo do passado, e continua a se modificar em nossos dias” (Elias, 1998, p. 34). Uma das razões para isso é que o tempo e a forma como as atividades são inscritas na duração, ou a sua temporalidade, não são dados, são construídos. Logo, o tempo não é natural e evidente, como muitas vezes a presença do relógio insinua. Apesar de haver um tempo único regido pelo sistema planetário e pelas leis da física e da astronomia

que tem os mesmos valores para toda a humanidade, o tempo é antes uma construção cultural que cada época determina como a experiência e a expectativa se relacionam. Citando Ricoeur, Reis (1994) escreve que o tempo histórico é um terceiro tempo, que faz a mediação entre o tempo objetivo e o subjetivo.

Mas esse tempo histórico não é apenas o tempo do calendário, de datações, o tempo objetivo. É também o tempo de homens, que agem e sofrem suas ações. Nesse sentido, Koselleck (2006) propõe que o tempo histórico é constituído “no processo de distinção entre passado e futuro”. O autor sublinha que assim como o ser humano modifica sua relação entre a experiência e a expectativa durante o curso da vida individual, as gerações históricas também alteraram a forma como passado e futuro se relacionam. Para o autor, o tempo físico, astronômico não corresponde ao tempo histórico, mas o compõe, pois é nesse tempo que as ações sociais e políticas do homem se desenrolam, pois tanto os homens quanto suas instituições têm forma e ritmos temporais próprios, e por isso não se pode falar em um tempo histórico, mas em vários tempos superpostos. O que importa são as concepções sociais sobre a temporalidade, ou seja, a forma como passado e futuro se remetem. É a partir dessa relação que o homem organiza sua vida, em geral, menos em relação ao passado, e mais voltada para o futuro. A expectativa não existe sem a experiência, apesar de essa última não ser totalmente determinante. Nas palavras de Reis (1994, p. 83), “o passado constitui um espaço, pois ele é aglomeração de experiências em um todo estratificado que se dá ao mesmo tempo; o futuro constitui um horizonte, pois é uma linha atrás da qual se abre novo campo de experiência possível e do qual o conhecimento é inantecipável”.

Essa tensão entre espaço de experiência e horizonte de expectativa informa sobre a concepção social do tempo e sua estreita ligação com a questão da finitude humana, o que permite entender ações políticas e sociais na história. A maneira como a experiência e expectativa se relacionam indica a forma de estar no mundo dos homens e suas ações (Koselleck, 2006). A partir dessa proposição, o saber histórico, se aproxima do presente, pois é no presente que se articula a relação com o tempo.

Temporalidade moderna

Apesar de não haver um consenso quanto ao início da Modernidade, é comum associá-la ao advento da prensa e à descoberta do Novo Mundo. O projeto histórico da modernidade acontece a partir do diálogo entre o século XV e XX. É aqui na modernidade

que o tempo passa a ter uma história. Segundo Koselleck (2006, p. 280), “é certo que no século XVIII o “novo tempo” foi introduzido como conceito de periodização, em oposição à Idade Média. Enquanto isso, tornou-se natural (...) considerar o tempo em torno de 1500 como o “limiar” de uma época, que conferiu ao novo tempo subsequente sua relativa unidade”.

Na realidade, a história passou a se realizar através do tempo, passou a ser a história do tempo, levando a sua temporalização, ou à aceleração do tempo. A partir desse momento o homem passou a experimentar o tempo como um tempo novo moderno, sempre inédito e com um futuro promissor. Segundo Gumbrecht (1998, p. 15), o tempo passa a ser visto como um agente absoluto de mudança e a inovação passa a ser uma lei compulsória, “se, então, cada presente precisa ser experimentado tanto como uma modificação do seu passado quanto sendo potencialmente modificado pelo seu futuro, compreendemos que o tempo histórico gere a possibilidade estrutural de modalização temporal”. O presente pode ser pensado enquanto futuro do passado e como passado do futuro; o futuro como o passado do futuro remoto e como presente do futuro; o passado pode ser o presente do passado e o futuro de um passado remoto (Gumbrecht, 1998).

A aceleração acontece porque o presente passa a ser curto, um lugar onde o passado se torna futuro. Porém, o efeito mais importante da temporalização é a ligação entre o sujeito, que produz a ação, e o tempo histórico. O sujeito passa a imaginar as possibilidades do futuro, que é diferente tanto de seu passado quanto de seu presente, e escolhe um futuro que prefere, “é essa inter-relação entre tempo e ação que cria a impressão de que a humanidade é capaz de fazer sua própria história” (Gumbrecht, 1998, p. 16). Quando essa “nova” subjetivação começa a se formar, o mundo também passa a ser cada vez mais técnico e industrial, no qual há uma necessidade de sincronização e publicização de diversas medições de um tempo uniforme e linear, o que aumentava a sensação de escassez do tempo (Elias, 1998).

É nesse contexto que começa a haver uma separação entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. O tempo novo só passa a ser novo quando se separa da experiência. O passado deixa de estar ligado ao presente e ao futuro. Na modernidade, o tempo passa a ser agente de mudança, é no futuro que está a vida melhor, o que leva a uma aceleração do presente para se chegar ao futuro. O projeto histórico da modernidade era o de projetar um futuro. Esse planejamento teve duas vias principais, o primeiro foi o prognóstico racional, o futuro é selecionado dentro de um campo de possibilidades finitas.

O segundo, a filosofia da história, é o caminho que libera a modernidade de seu passado e apresenta o tempo do futuro, que caminha rumo a um progresso, certo da salvação futura. É quando a história passa a ser vista como um singular coletivo, resultado da reflexão iluminista. Para Gumbrecht (1998, p. 16), “a própria filosofia da história é a fonte mais importante que oferece modelos narrativos básicos para essas representações temporalizadas”.

A aceleração do tempo faz com que o homem deixe de experimentar seu próprio presente, substituindo a experiência por uma crença na marcha linear do progresso futuro, na qual o passado estava cada vez mais separado do presente e do futuro (Koselleck, 2006). É a imagem do anjo da história de Benjamin (1994), que está boquiaberto diante do acúmulo da tempestade do progresso, que o arrasta para o futuro, num tempo vazio e homogêneo. Esse foi o último texto de Benjamin, escrito pouco antes de ele se suicidar perante o horror do holocausto. Horror que nem chegou a ver a bomba atômica como o fechamento da Segunda Guerra Mundial.

Os horrores da guerra, as crueldades empregadas contra os judeus, e a bomba atômica colocaram o homem num futuro trágico, incontrolável. O homem aparece pequeno e fraco diante dos progressos técnicos. É nesse momento que o futuro não se apresenta mais como salvação, mas ao contrário, como trágico e destrutivo.

Se por um lado existe uma grande dificuldade nas datações para o período histórico, pode-se apontar que há uma diferença na virada do século XIX para o XX, sobretudo a partir da segunda década (Gumbrecht, 1998). No entanto, parece pertinente demarcar que a Segunda Guerra Mundial e a bomba atômica mais precisamente, carregam consigo uma nova temporalidade e maneira de sentir humano. Segundo Michael Lowy,

Em muitos aspectos, Hiroshima representa um nível superior de modernidade, tanto pela novidade científica e tecnológica representada pela arma atômica, quanto pelo caráter ainda mais distante, impessoal, puramente "técnico" do ato exterminador: pressionar um botão, abrir a escotilha que liberta a carga nuclear.³.

A bomba atômica pode ser tomada como um acontecimento que denota sentido a posteriori, uma das marcas da pós-modernidade. Para Gumbrecht (1998, p. 21), uma das formas equivocadas de compreender a Pós-modernidade é “vê-la como a superação da Alta Modernidade do início do século XX, e isso significa vê-la como a consequência da própria obsessão por inovação que é um legado do cronótopo “tempo histórico”. O presente pós-moderno pode ser visto como uma radicalização da modernidade, ela problematiza a

³ Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/col_lowy.htm

subjetividade, o tempo histórico e a crise da representação. Porém, compreender a sociedade como pós-moderna não significa pensá-la como outra modernidade, que sucedeu a Alta Modernidade. Segundo Gumbrecht (1998, p. 21), “talvez mais significativa (porque menos baseada em conceito e argumento) é a nossa impressão elementar de que o ritmo da mudança, após atingir velocidades inauditas durante o século XIX e a primeira metade do século XX, chegou agora a uma desaceleração”.

O presente pós-moderno não se acelera rumo a um futuro, na busca do progresso. O imperativo da mudança e inovação foi afastado, permitindo que o presente fosse ampliado. O presente é hoje. O futuro passou a ser visto como algo predeterminado negativamente por conseqüências de um passado. Ao mesmo tempo não há vontade de abandonar, ou mesmo superar o passado. Porém, como falar em desaceleração num mundo onde não se tem paciência para esperar? Parece unânime o desejo de viver coisas ao mesmo tempo, fones de ouvido, internet rápida, celulares conectados, trabalhos urgentes, reportagens ao vivo. Tudo em tempo real.

Para Gumbrecht (1998, p. 23), o equivalente de um fluxo temporal mais lento e de um presente dilatado, é a transformação do hábito tipicamente moderno de organizar as representações como evoluções, para o hábito pós-moderno de “tratá-las como variações que estão simultaneamente disponíveis”. Para o autor, isso é o que se pode chamar de destemporalização, na qual o tempo não é mais um agente absoluto de mudança, e o futuro deixa de ser moldado pelas suas ações no presente rumo ao progresso, o que enfraquece o papel de ação do sujeito. Entretanto, o sujeito continua sendo um observador do mundo e suas múltiplas representações não apresentam versões mais adequadas ou menos, nem mesmo sintetizam narrativas desenvolvimentistas. O tipo de representações ou interpretações, ou ainda de narrativas, que se apresenta não é evolutiva, o que significa dizer que o acontecimento só ganha sentido *a posteriori*. O sentido é posterior ao acontecimento, e seu significado não é perene. É como se a vida fosse inaugurada todos os dias. Também se pode falar numa desreferencialização, que resiste “em identificar origens e pontos terminais para as histórias, em procurar originais como uma base para cópias, em procurar autenticidade como um contraste para a artificialidade” (Gumbrecht, 1998, p. 23).

A transformação da temporalidade na pós-modernidade passa por uma desaceleração que faz com que o tempo deixe de ser um agente de mudança, deixe de ser pensado como linear e progressivo. Passa-se a viver um tempo múltiplo, simultâneo e descontínuo, que acaba com a idéia de sucessão e causalidade, e possibilita que se pense na

relação entre antigo e moderno, priorizando as permanências e as mudanças estruturais. Há um diálogo entre tempos que se tocam. O retorno ao passado, ao indivíduo e ao cotidiano marca “o rompimento das relações de sucessões temporais como modelo explicativo que catapultou, pelo muro dos fundos, a memória e a narrativa para o centro do debate da história cultural e das representações” (Diehl, 2008, p. 52). Houve um deslocamento do futuro presente, típico da marcha linear do progresso, para o passado presente.

Transformações sociais e culturais, juventude e imaginário

As transformações que o mundo e os homens viveram com o final da Segunda Guerra não começaram exatamente nesse momento. Não é possível dicotomizar um momento plural, de convivência mútua entre continuidades e rupturas. Segundo Barraclough (1976, p.30) existe um período intermediário entre o fim de uma época e o início de outra, na qual existem elementos de contrabalança de continuidade que compensa a mudança “é um mundo novo com raízes no antigo”.

Se podemos apontar mudanças determinantes desde a primeira metade do século XX como a morte do campesinato, ampliação do sistema educacional como um todo, e a contração da classe operária, mais em seu *modus operandi* que na sua existência em si. Também podemos apontar um longo processo no qual o homem comum desde o século XIX passa a ser objeto de olhar tanto das instituições de poder quanto da técnica e do campo artístico, incluindo literatura, pintura, fotografia e cinema. É aqui, nesse contexto técnico da fotografia e do cinema que o olhar e a visibilidade começam a ser parte também da atenção da sociedade (Crary, 1990). Essas duas invenções alteram a relação do homem com sua própria imagem e com a sua percepção do anonimato ao se dar conta que faz parte de uma massa. Porém, cabe frisar que essas técnicas estavam interligadas com o futuro e suas funções correspondiam com a temporalidade moderna, de acordo com o que vimos acima.

Quando o futuro se tornou calamitoso e parte da população mundial, sobretudo européia, morreu nas guerras mundiais, a reconstrução pós-guerra envolvia jovens e mulheres, os sobreviventes da mortalidade bélica. É preciso considerar que se esses novos atores sociais já tinham em mente que sua subjetividade passava por sua imagem e que eram parte de um todo maior e que eram responsáveis, em algum grau, pela sua vida, também temos que considerar que eles deixaram de acreditar que era no futuro que estava a segurança e felicidade. Segundo Savage (2009,) “o prazer do momento era o que decidia a

ação do indivíduo, pois o presente era única coisa de que se tinha certeza”. Para eles, o presente era fundamental, não só por entenderem que o futuro pode ser trágico, como por não compreenderem que o que possuem dá conta de uma felicidade contida, como ter comida e casa para aqueles que tinham lembranças da guerra. Isso está diretamente relacionado à disputa pela supremacia mundial que se deu entre URSS e EUA após a Segunda Guerra Mundial (Hobsbawm, 1995), a partir dos anos 1950 os produtos midiáticos norte-americanos invadem a Europa devastada pela guerra e fazem circular o modelo de vida americano, calcado numa juventude promissora.

Essa cultura jovem, que se formou no pós-guerra, sob forte influência do estilo vida americano, que foi a matriz da “Revolução cultural” (Hobsbawm, 1995). O historiador aponta que o abismo de gerações entre os nascidos nos anos 1920 e 1950. A cultura jovem que se estabelecia tinha consciência própria e se tornava um agente social independente, que acreditava que o mundo estava organizado de forma insatisfatória e por adultos velhos, que eram tidos como pessoas com experiências das limitações da vida e por isso com medo de perder status ou mesmo condições de sobrevivência. Nesse sentido o jovem, pensado por Hobsbawm (1995, p. 319) em termos de faixa etária, se contrapunha ao adulto, e acreditava que a juventude era “o estágio final do pleno desenvolvimento humano”. O auge dessa oposição foram os movimentos dos anos de 1968, que não só marcaram a força social e política, mas também, e, sobretudo, internacional.

Para Hobsbawm (1995, p. 319) a sociedade se juvenesceu. Falar em juvenescimento da sociedade é pensar menos em termos de quem pode ser incluído dentro do grupo jovem, e mais na simbologia de o que é ser jovem. Os acontecimentos de Maio de 1968 podem ser tidos como “modelo” do que constitui o imaginário de juventude e do que representa ser jovem que se espalhou pelo mundo. O jovem a partir do pós-guerra passou a ser aquele que questiona a sociedade e velhos padrões; aquele que não tem medo da mudança, antes se entende como alguém que deseja mudanças; e que entende que é no presente que está sua felicidade, seus desejos e anseios devem ser atendidos *hoje* e não no futuro. Ou seja, é uma pessoa que no limite coloca seus desejos imediatos como força motriz da existência.

Não podemos deixar de pensar que esses indivíduos, enquanto atores sociais, que participam de várias dimensões da vida social e cultural, e em cada uma dessas dimensões agem ou articulam ações e visões de mundo de forma diferenciada, experimentando contradições, ambigüidades próprias ao mundo, “são indivíduos complexos de sociedades complexas” (Velho, 1999a). Os indivíduos não buscam coesão a partir de uma unidade

englobante, mas a partir da articulação entre várias instituições, demarcando que não é tão simples hoje em dia demarcar fronteiras e elaborar uma identidade (Velho, 1999a). Identidade que é marcada por uma multiplicidade de papéis que se apresentam performaticamente em imagens, que transforma o passado em identidade e abre a perspectiva futura de projetos, é o que Gilberto Velho (1999a, p. 103) vai chamar de “negociação com a realidade”. Pois

o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um *campo de possibilidades*, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes. Há uma linguagem, um código através dos quais os projetos podem ser verbalizados com maior ou menor potencial de comunicação. Portanto, insistindo, o projeto é algo que pode ser comunicado. A própria condição de existência é a *possibilidade de comunicação* (...) Sua matéria-prima é cultural e, em alguma medida, tem de “fazer sentido”, num processo de interação com os contemporâneos (...). (Velho, 1999b, p.27)

A longa citação se justifica por dar conta de nossa proposição de que a sociedade contemporânea pós-moderna tem como um dos seus enunciados o juvenescimento da sociedade. A juventude enquanto metáfora social (Passerini, 1996), encarna os anseios de uma sociedade que se quer jovem por uma questão de espírito, não por sua faixa etária.

Eternamente jovem⁴

Nos últimos vinte anos é crescente a utilização da palavra juventude e de outros termos associados ao universo jovem no universo midiático. Diversas capas de revistas, matérias de jornais, programas de televisão e campanhas publicitárias abordam o tema da juventude ou da tentativa de retardar o envelhecimento, a passagem do tempo. O termo “juventude” e outros diretamente associados a esse universo tais como jovem, rejuvenescimento e jovialidade acionam algumas características que circulam no imaginário social que se referem mais a um estado de espírito e à aparência, que à idade. Nesse sentido, a juventude é tida como fenômeno social, reflexo e produto do imaginário coletivo “que se constitui a partir de um conjunto de valores, influenciando a maneira com que indivíduos de todas as idades consomem produtos e ideias” (Pereira, Rocha e Pereira, 2009, p. 8).

⁴ Matéria de capa da revista *Isto é* de 16 de novembro de 2011.

Num mundo cada vez mais regido por imagens, o que se deseja é ser vistos como jovens em aparência, próximo à faixa etária dos jovens (algo entre 15 e 30), quanto com um espírito jovem, que parece ser a bóia salvadora da solidão e anomia da velhice. Como exemplo disso podemos citar alguma reportagens veiculadas em importantes revistas nacionais nos anos 2000. A edição da revista *Veja* em 08 de março de 2000 traz na capa “**A ciência da mulher**. Como as descobertas da medicina e da estética tornaram a maturidade uma fase exuberante na vida das mulheres”⁵. A matéria recebe outro título no interior da revista, ainda mais interessante: “Na idade da beleza. Como os avanços científicos vêm ajudando as mulheres a chegar à maturidade com a aparência, o vigor e a saúde da juventude”.

A reportagem fala sobre os avanços técnicos, mas também sobre as descobertas dos especialistas sobre o cuidado com a pele, alimentação, exercícios físicos. Enfim é uma reportagem que traz o conhecimento específico sobre o corpo de especialistas e propõe um estilo de vida para se alcançar o resultado esperado. A matéria traz seis mulheres famosas no cenário nacional, como Luiza Brunet e Luma de Oliveira. Ao apresentar um quadro informativo com diferenças nos hábitos dos cuidados com a beleza e saúde dessas mulheres nos anos 1990 e 2000, a revista nos impele a crer que nossas ações no presente são fundamentais para o futuro. Futuro esse que pode ser mudado com a determinação dos sujeitos no vir a ser.

Na reportagem fica claro que o presente e mesmo o passado interferem na imagem que você quer passar, na forma como quer ser visto. No caso específico, é curioso que Luma de Oliveira, na época com 35 anos, seja apresentada como bela desde sempre, mas com o corpo mais jovem que a Luma de 25: “Aos 35 anos a ex-modelo e empresária Luma de Oliveira é prova esfuziante desses avanços”. Após falar sobre as intervenções cirúrgicas, a matéria diz que “Luma resolveu suar de verdade”. E nos dita toda a receita de ginástica e dieta da rainha de bateria da Viradouro. A reportagem está chegando ao fim, e as últimas frases valem a citação para o nosso propósito: “a Luma rainha da bateria da Viradouro deste carnaval não tem aquela barriguinha saliente e molenga da Luma musa da Caprichosos de Pilares do carnaval de 1990. Tem mais. As pernas bem esculpidas de agora dispensam as meias usadas para disfarçar a celulite e flacidez da Luma de 25 anos de idade. Naquela época ela tinha a juventude do lado dela, mas o arsenal médico e estético a favor da beleza ainda era um tanto arcaico.”

⁵ Disponível em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

O fim da matéria nos impele a refletir sobre a questão da juventude como um valor que perpassa a inscrição do tempo nos corpos, nas imagens do self.

Um dos elementos constantes nas questões sobre a ideia de juventude e de sua visibilidade é a ênfase no corpo, na aparência de um corpo que não pode envelhecer, que não quer adentrar no futuro. Ao menos não sem tentar ter alguma certeza ou segurança das escolhas a partir da “futuurologia do conhecimento”, ou seja um futuro que habita o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento (Giddens, 2009). O corpo se torna uma questão de escolha e estilo de vida. Mas, sobretudo, numa forma que se inscreve na responsabilidade que cada um passa a ter em relação ao self.

O processamento da temporalidade pós-moderna que dilata o presente e afasta um futuro que leva a velhice e final da vida, está calcado no consumo de bem-estar (físico, emocional e material) que atravessa a sociedade e pauta os ideais de felicidade e visibilidade da sociedade contemporânea. Cabe ressaltar que a responsabilidade atribuída ao indivíduo sobre suas ações localiza essa juventude como algo ao alcance de todos, como uma possibilidade real de conquista. Ainda que as campanhas publicitárias nos digam que o que se consegue nunca é suficiente e lancem novos produtos ou dicas especializadas que vão corroborar cada vez mais essa busca incansável da felicidade jovem.

Outra reportagem também da revista *Veja*⁶ é o especial “Juventude e longevidade: viver com saúde”. A foto abaixo, copiada da matéria, é emblemática, pois mostra mãe e filha aos 51 anos de idade, respectivamente as atrizes Monah Delacy aos 51 anos no ano de 1980 e Christiane Torloni também com 51 anos em 2009. A ideia é apresentar a diferença entre gerações, na forma de se deixarem ver e convém sublinhar que ambas são atrizes e preocupadas com a imagem que veiculam de si: "os dois retratos são emblemáticos dos progressos no conhecimento a respeito do processo de envelhecimento. As conquistas nesse campo são enormes. Atualmente não só se vive mais, como é possível manter a aparência jovial por mais tempo. Aos 51 anos, Monah Delacy era uma mulher bonita, sem dúvida, mas com um ar senhoril. Aos 51 anos, Christiane Torloni continua exuberante. Os avanços foram tamanhos que muitos pesquisadores acreditam que não demorará a chegar o dia em que homens e mulheres centenários deixarão de ser a exceção nos países desenvolvidos - e com aspecto e disposição de pessoas com trinta anos a menos. Mais velhos, porém mais jovens."

⁶ Matéria de 07 de janeiro de 2009.



A relação entre passado e futuro que o corpo jovem propõe aponta para uma determinada concepção social do tempo e uma forma de estar no mundo. O futuro é jovem desde que o indivíduo tome para si as rédeas do tempo e escolha por um estilo de vida saudável que lhe retire o peso do futuro. Ou melhor, da espera por um futuro catastrófico que obedece ao tempo incessante. O futuro pode ser melhor. A temporalidade pós-moderna nos impele a pensar para além de uma identidade descritiva, para a idéia de tornar-se. O tempo não é pensado como uma linha linear e evolutiva, no qual o corpo e a existência invariavelmente caminham para a velhice e finitude. Como nos disse a reportagem da *Veja*⁷ "o tempo pode sim, ser um aliado".

Referências bibliográficas

- ARTIÈRES, Philippe. "Arquivar a própria vida". IN: **Revista Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, Vol. 11, N. 21, 1998. Disponível em:
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>
- BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à história contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CRARY, Jonathan. **Techniques of the observer: on vision and modernity in the nineteenth century**. Cambridge: MIT Press, 1990.
- DELEUZE, Gilles. "Sociedade de controle". Folha de São Paulo, **Caderno Mais Cultura**, 1992.
- ELIAS, Nbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.
- HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, Editora PUC Rio, 2006.
- LEMOS, André. **Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2002.

⁷ Matéria de 07 de janeiro de 2009.

- LISSOVSKY, Mauricio e JAGUARIBE, Bestriz. “Imaginário fotográfico e imaginário social”. IN: **Revista Eco-pós**, v.9, Rio de Janeiro, agosto-dezembro de 2006.
- LOWY, Michel. “Barbarie e modernidade no século XX”. Disponível em: http://www.espacoacademico.com.br/col_lowy.htm
- PASSERINI, Luisa. “A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália Fascista e os Estados Unidos da Década de 1950”. In: GIOVANNI, Levi e SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2**. A época contemporânea. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- PEREIRA, C., ROCHA, E., PEREIRA, M. “Tempos de juventude: ontem e hoje, as representações do jovem na publicidade e no cinema”. In: **ALCEU**, v. 10, n.19, Rio de Janeiro, jul./dez. 2009. Disponível em http://revistaalceu.com.pucrio.br/media/Alceu19_Claudia_Everardo_Miguel.pdf
- REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papyrus, 1994.
- SÁ, Alberto. “A *web* 2.0 e a meta-memória”. In: Moisés de Lemos Martins e Manuel Pinto (Orgs.) (2008). **Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação**, 6 a 8 de Setembro de 2007. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho). Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/5sopcom/article/viewFile/131/127>
- SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- VELHO, Gilberto. “Memória, identidade e projeto”. IN: **Projeto metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999a.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. RJ: Jorge Zahar, 1999b.